O BEIJO

ANTOLOGIA DE CONTOS E CRÔNICAS

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA

RESIDÊNCIA NO AR EDIÇÕES DIGITAIS - 2022

APRESENTAÇÃO

O Clube de Leitura da Casa Amarela, que se reúne desde 2010, que ficou online na pandemia, se abre para a escrita.
Assim, reunimos contos e crônicas sobre um tema inesgotável, O BEIJO.
Para a capa escolhi um beijo antiquíssimo, da pré-história, que eu mesma fotografei no Parque da Serra da Capivara.
E apresento com gosto, honra e alegria, a nossa produção escrita neste E book, com o nosso leitor Jiddu.K.Saldanha na feitura e projeto gráfico.

Roseana Murray
Saquarema
Outono de 2022

O BEIJO

ANTOLOGIA DE CONTOS E CRÔNICAS

CLUBE DE LEITURA DA CASA AMARELA

ÍNDICE

ADELAIDE COUTINHO — SAUDADES - 4

ANABELLE LOIVOS CONSIDERA — QUANTOS BEIJOS CABEM NUMA HISTÓRIA? - 5

ANA PAULA MACIEL VILELA — O TOQUE DA BRISA - 9

ANDRESSA BARROSO — O ROUBO - 13

ANGELA QUINTIERI — AQUELE BEIJO TÃO DIFERENTE MARCOU MINHA VIDA- 15

CELINA ROZENBLUM LEFELMAN — MOMENTO - 17

CRISTIANO MOTA MENDES — A SEREIA E OS BEIJOS - 18

DELMA MARCELO — BEIJO DE OUTONO - 19

ELIANA MIRANZI — ... E OS BEIJOS? - 20

ELISA PEREIRA — AS MARITACAS TAMBÉM BEIJAM - 22

EVELYN KLIGERMAN — CASA DE MENINAS - 23

FERNANDO QUEIROZ — O BEIJO - 24

FLORA TROPER — BEIJO - 26

JANIR LAGE DA SILVA — SEM PRAZO DE VALIDADE - 27

JIDDU SALDANHA — LADRÃO DE BICICLETA - 29

KÁTIA RODRIGUES — O DIA DO ÓSCULO - 30

MARIANÍ GUIMARÃES — A MENINA - 33

PAULA GOMES DE OLIVEIRA — EM CARNE VIVA - 34

ROSEANA MURRAY — FRANCISCA - 36

RESIDÊNCIA NO AR EDIÇÕES DIGITAIS - 2022

SAUDADES

(Adelaide Coutinho)

Imagem: Divulgação

Saudade! Sentimento melancólico que toca a alma! Era domingo como tantos outros e lá, naquele espaço da família, os encontros se repetiram por décadas. Ao longo da vida, alguns ficaram pelo caminho, deixando apenas a recordação de dias felizes e às vezes, nem tanto.

Nesse domingo, particularmente, o dia estava deslumbrante, céu azul de maio, relembrando gritos de alegria de quando algumas pessoas dali eram pequenas. Brincavam, saltavam na água ou corriam pelo gramado ou nas alturas de alguma árvore, e minha sogra sempre trazendo seus quitutes imperdíveis (era muito boa na cozinha) que todos compartilhavam, e à tarde, claro, seu café que até hoje guardo o sabor era sempre acompanhado de um bolo caseiro de milho ou de aipim ou laranja... A brisa fresca na hora do almoço não nos deixava sair dali, ao redor da mesa, e a conversa rolava solta até girar sobre ela, essa pessoa de coração grande que acolhia a todos com alegria. Cada um acrescentava uma lembrança de saudade. Durante a conversa chega uma exuberante borboleta azul, grande, não qualquer azul, mas um azul forte, brilhante. Ela borboleteia ao nosso redor e escolhe um local para pousar, nesse caso, uma pessoa para pousar. Incrivelmente, foi na face de seu filho, na bochecha esquerda e ficou ali, parada, com um leve respirar de asas, e todos... congelados! Até q alguém resolveu eternizar aquele beijo com uma foto, ela se assustou e voou ao nosso redor, da mesma maneira como chegou ela se foi, sem dar tempo e, daquela imagem, só restou a recordação.

E todos nós compartilhamos um mesmo pensamento!

QUANTOS BEIJOS CABEM EM CADA HISTÓRIA?

(Anabelle Loivos Considera)

Imagem: Divulgação

Era uma daquelas reuniões de amigos, todos professores universitários aposentados, que se juntavam na casa da serra de um deles, o mais abastado e que mais vezes foi chamado a colaborar com a iniciativa privada, mesmo sendo servidor público.

Na varanda, o vento soprando, vários dos catedráticos com seus óculos embaçados pelo calor da lareira, com cuias de chimarrão nas mãos e com os pés enrolados em “pelejas” – cobertores improvisados que ou deixam a descoberto o tórax ou os pés, numa eterna briga por proteção. Alguns deles, sem peleja, talvez já tivessem intuído de que não há proteção contra o frio e contra o mundo. Só as lembranças de velhos amigos, num final de semana na serra.

Adelaide, professora de artes, propôs uma tertúlia: que cada um dos presentes dissertasse sobre o beijo mais icônico das artes, do cinema, da literatura, da telenovela, enfim... Marcos Antonio, da Educação Física, logo topou a brincadeira, outro tipo de peleja, muito mais interessante, em sua opinião. Afonso, das Finanças, que ainda estava taciturno depois de 5h de viagem para chegar à cabana rústica no alto da serra, esboçou o primeiro sorriso da noite: “Beijos são o meu forte, pergunta pra minha cachorrinha, Luly”, tirando risos altos dos amigos.

A catedrática de artes se dispôs a começar a exposição. Escolheu “O beijo”, de Gustav Klimt, pintura considerada antagônica, por evocar, a um tempo, a felicidade da união erótica, e por também problematizar a identidade sexual das duas pessoas retratadas. Adelaide lembrou que “O beijo” foi comprado antes mesmo de ser terminado e que alguns historiadores de arte sustentam que os amantes do quadro são o próprio pintor e sua parceira de longa data, a estilista Emilie Flöge.

- Cada Klimt tem a Flöge que merece, né? – ressaltou o dono da casa, piscando para Adelaide, que entendeu a galanteria. A noite estava só começando.

Sansão (esse era seu apelido, pelo estilo Woodstock e a moto Custom parada lá fora), um obstetra encantado com o magistério que escolhera para formar gente que salva gente, pensou logo no conto “O primeiro beijo”, de Clarice Lispector:

- “Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo. A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.”

Débora, professora de Literatura, complementou:

- Clarice, devastadora de intimidades, belíssima, não é mesmo? Esse momento crucial de descoberta de si mesmo e toda a solidão que isso nos faz experienciar é algo de humano, demasiadamente humano. – Mas Débora quis sair do lugar-comum e citou, em sua fala, o icônico beijo de Judas, em Jesus Cristo:

- A gente tá falando do que nos torna humanos. Eu acho que o beijo de Judas não é necessariamente um ato de traição, que o próprio Jesus já tinha antecipado, antes da noite do Getsêmani. Creio que é um signo do humano, do contraditório de ser humano. Até porque Judas era um deles, o que significa dizer que ele é um de vocês, ele é um de nós, ele está perto de nós, ele não é um inimigo, mas um amigo, um irmão, um discípulo.

A conversa esquentava com a aquiescência da lareira, do chá mate e das discussões. Doralice e Fernando, que se conheceram na faculdade de Arquitetura e eram casados há 43 anos, lembraram-se da polêmica peça de Nelson Rodrigues, “O beijo no asfalto”:

- A gente sabe que essa peça se estrutura em torno de um escândalo: o personagem Arandir beija, na boca, um homem que agonizava no asfalto após ser atropelado, o que feria os códigos morais instituídos à época – lembrou Fernando. Doralice emendou:

- E o mais “obsceno”, entretanto, não está no beijo dado em um homem por outro homem. Nelson consegue amalgamar cena e obscenidade em outra clave: a peça agencia diversas encenações, que se sobrepõem para colocar em jogo o fato de se estar dentro/fora de cena. É genial, como sempre, ou, numa palavra: rodrigueano!

Daniel, professor de Latim e artesão nas horas vagas, tirou onda de sátiro e citou não uma obra, mas um personagem: o saudoso “Beijoqueiro”, cujo verdadeiro nome era José Alves de Moura e ganhou esse apelido por ter invadido o palco de um show do Frank Sinatra em 1980, no Maracanãzinho, e beijado "The Voice". Sua lembrança descontraiu ainda mais o grupo. Cada um sabia que as histórias renderiam ótimas conversas, ainda que saíssem das regras iniciais traçadas pela colega Adelaide. Ademais, narrar nunca é uma linha reta.

Foi neste momento que a filha do dono da casa, até então recolhida ao canto da lareira com o gato Miá no colo, sua melhor “peleja”, disse que também queria colaborar com uma história, o que agradou muito aos presentes. Celina, tão jovem, era professora da educação básica. Falava quatro línguas, tinha viajado o mundo fazendo intercâmbio por conta das duas faculdades que fez – Biomedicina e Letras –, mas sua paixão, mesmo, era estar com crianças, investir no desenvolvimento de sua linguagem e, por que não?, na transgressão dessa mesma língua portuguesa brasileira que roça a língua de Camões e regurgita novos fonemas, outros grafemas, plurais modos de dizer-se.

Cel, como carinhosamente era chamada pelo pai orgulhoso, faiscou os olhos sorridentes mais do que o fogo da lareira, e se pôs a falar do seu beijo. Não era um beijo de tela, de ficção. Era um beijo total. E explicou, acariciando a vasta pelagem de Miá:

- Era meu segundo ou terceiro ano de magistério. Eu já trabalhava numa escola pública, um Ciep, e em outra particular, além de fazer faculdade de Letras. Ia de calças jeans e cabelos soltos. A criançada gostava de fazer penteados em mim. Em menos de um mês, descobri que o melhor era mesmo ir de cabelos presos e uma boa dose de alfazema na nuca, se não quisesse pegar piolhos... – disse Cel, em meio à gargalhada geral. Mas retrucou os colegas do pai, imediatamente:

- Não, gente, é sério! Essas crianças são muito afetivas, elas precisam de toque, de corpo, de mãos. Impossível não se misturar a elas, a seus sonhos, a seus problemas. Os piolhos vêm no pacote. Difícil mesmo é compartilhar da fome de saber sem estrutura física e tecnológica; ou da fome real, desmedida. Mas a gente aguentava o tranco e movia as peças desse tabuleiro chamado “sistema”, cabulava, dava a volta... e sempre conseguia um pacote de bolacha ou um litro de leite a mais, pros meninos levarem pra casa.

Os olhos de Celina faiscavam ainda mais. Eram lembranças de um tempo difícil, mas de muita fé no ofício da docência. E continuou:

- Mas, vocês querem saber da minha história com beijo – e olhou faceira para o pai, como quem pede permissão para contar um segredo. Miá, então, deu um pulo para o centro da roda, como se soubesse que era a hora do conto da tia Cel. Que fez com os amigos do pai exatamente uma roda de audição, cantando uma pequena parlenda antes de começar a narrar:

- *Cantem comigo:*
  “Eu entrei na roda
  Ai, eu entrei na roda
  Ai, eu não sei como se dança
  Ai, eu entrei na “rodadança”

Ai, eu não sei dançar
Sete e sete são quatorze, com mais sete, vinte e um
Tenho sete namorados só posso casar com um
Namorei um garotinho do colégio militar
O diabo do garoto, só queria me beijar
Todo mundo se admira da macaca fazer renda
Eu já vi uma perua ser caixeira de uma venda.”

Terminada a cantoria, Celina contou, finalmente, sua história de beijo. Os olhos não faiscavam mais, pois não se viam. Estavam fechados, pra dentro, onde moram as memórias mais eloquentes, e que tantas vezes são silenciadas pela dureza dos dias. Cel, encantadora de palavras, narrou sua história de maior afeto:

- Era uma vez uma aluna chamada Fernanda e uma professora chamada Celina. A aluna era boa pra chuchu, e terminou o ano com notas azuis e o caderno de redação cheio de elogios da tia de cabelos compridos até quase a cintura, parecia Juma Marruá, a turminha dizia. Aí, na troca de presentinhos no amigo-oculto, a Fernandinha veio com essa: "Tia, eu que escolhi pra você". A professora de português e estudos sociais (sim, a gente tem que ser poliglota na arte de ensinar) sorriu com os olhos ao abrir o pacotinho embrulhado por mãos de criança, faltando um pedaço pra tapar o mimo. Era uma porquinha amamentando dois leitõezinhos. Aí, a Fernanda, com um sorrisão aberto, disse: “Eles estão beijando ela! Achei a sua cara, tia. Você é tão materna!". Era uma vez uma história que não cabe toda, de tão linda, em todos os anos de magistério da tia Cel.

A emoção se transformou gradativamente em aplausos e abraços. O beijo na porquinha, os lábios que tocam o peito, que sugam, que se nutrem. Ninguém filmou, ninguém roteirizou, ninguém pintou, ninguém transformou em canção aquela cena. Mas ela é pra sempre. Íntima, feliz, autêntica e cheia de virgulações: a aluna e a professora, que também ganhou um beijo – e essa história, pra contar ao infinito.

O TOQUE DA BRISA

(Ana Paula)

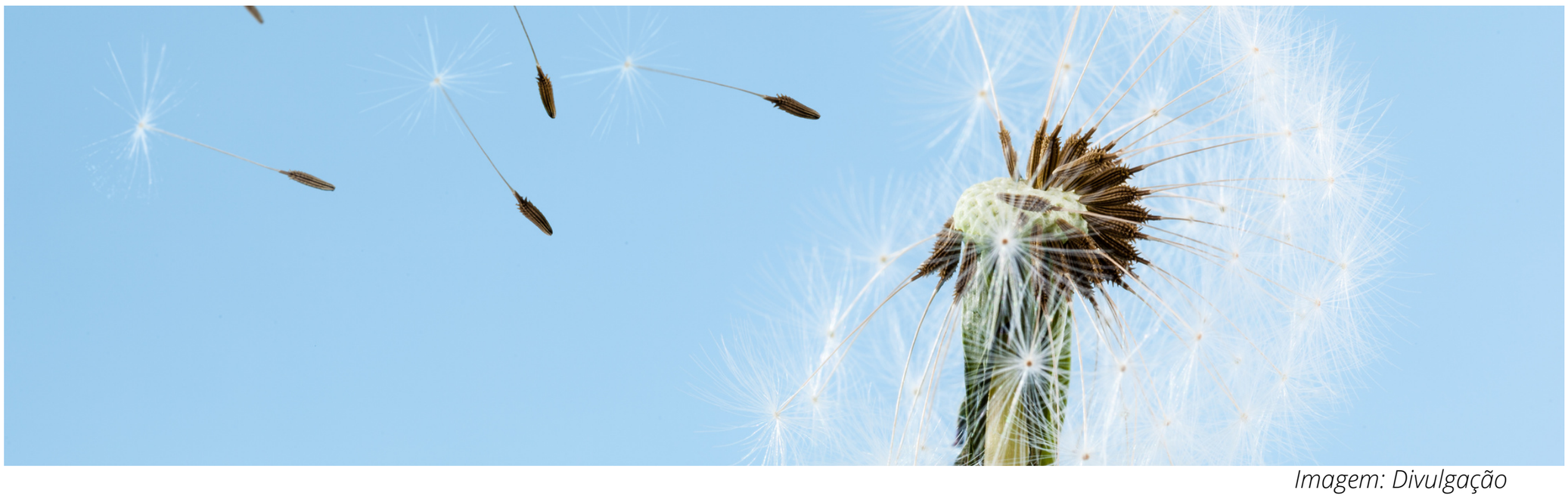


Imagem: Divulgação

O ranger estridente das rodas no asfalto e o baque seco da cadeira de rodas se chocando contra o painel interrompeu a viagem do ônibus 6515 no início daquela tarde de segunda-feira.

Passos apressados atravessavam o corredor salpicado de pipocas que levava à recepção. Alguém as deixara cair ali e atraiam pombas e passarinhos. Crianças e mães aguardavam os terapeutas que a cada meia hora buscavam o próximo paciente para o tratamento no ambulatório de reabilitação.

Eu trabalhava na instituição há muitos anos, as conhecia por nome, sobrenome, data de nascimento, nome dos pais e irmãos, preferências e até pelo endereço. Uma das modalidades de atendimento era a visita domiciliar. Era programada com antecedência e uma equipe multidisciplinar realizava o atendimento da criança para auxiliar a família, de acordo com o contexto em que viviam, a seguir as orientações para a melhor evolução ou manutenção do quadro clínico da criança ou adolescente.

Quando visitamos a casa de Doralice, a Kombi parou na entrada de um beco íngreme. Aderval, o motorista, apontou para o alto e disse:

- Meninas, a família mora na penúltima casa à esquerda. Preparem-se para a subida.

Atenta aos passos, com cascalhos se soltando e rolando pela rua de terra batida, enxugando de tempos em tempos o suor que escorria pela testa, subi com as colegas, concentrada e pensativa no que devia ser para aquela mãe que percorria esse trajeto com uma quase adolescente, cadeirante, sempre que precisava sair de casa.

Quando alcançamos o endereço, ofegantes, paramos em frente a um portão de ferro enferrujado. A casa, bem simples, no reboco, contrastava com o colorido do pequeno jardim que margeava o caminho largo e marcado pelas rodas da cadeira e que levava até a rampinha em frente à porta.

As cores variadas das roseiras, girassóis, palma, cravo, russélia, camarão amarelo e um manacá repleto de flores me deixaram encantada! No canto, provavelmente o local mais ensolarado, uma bacia se equilibrava sobre um toco onde se via cebolinha, salsinha, manjericão, orégano e um pequeno pé de couve.

Ainda hoje lembro com carinho daquele jardim e da família. Maria Odete cuidava da casa, do marido e da filha única da forma mais amorosa que já conheci em minha vida.
Naquela tarde abri a porta da recepção para buscar Doralice para o atendimento e estranhei não a ver sorridente com uma flor qualquer na mãozinha fechada. A mãe não faltava aos atendimentos a não ser por uma boa razão.

Caminhei de volta para meu setor quando ouvi o toque do telefone.
Dentro da sala comecei a fazer o relatório dos atendimentos do dia quando a secretária entrou apressada. A ligação era para mim e tinha relação com a falta de Doralice.

- Dona Ana, o ônibus...a Doralice está no pronto socorro...A Maria está em choque... - a voz do homem, entrecortada entre susto e medo não me deixava compreender.

- José Antônio, tente respirar e se acalmar um pouco, não estou conseguindo entender.
Ouvi os soluços do homem angustiado do outro lado e dei a ele o tempo que precisava.

- Dona Ana, elas estavam indo para os tratamentos e aconteceu um acidente com o ônibus. A Maria não conseguiu segurar a cadeira e ela bateu com a menina, dona Ana, ela bateu lá na frente. A menina machucou muito....

- Em qual hospital vocês estão? - com o coração batendo na garganta, a mão suada segurando o telefone perguntei enquanto me assentava.

- No Hospital Geral. A Maria machucou os braços ao tentar segurar a cadeira quando o ônibus tentou frear. Está cheio de gente aqui, uns machucados e outros que estavam no ônibus e vieram para ajudar.

- Tente ficar calmo, vou fazer umas ligações e logo estarei aí – falei com ele já desligando e discando o ramal da assistente social. Ela não estava. Liguei para coordenadora e solicitei a liberação para ir ao hospital pois já estava quase no meu horário de saída e iria no meu carro.
No trajeto, enfrentando o trânsito carregado do final da tarde, voltei ao dia da primeira visita domiciliar que fiz na casa de Doralice.

Depois que admiramos o jardim, batemos palmas para chamar a Maria Odete que saiu muito sorridente pela porta fazendo muita festa para as “visitas”.

A casa chamava a atenção pela limpeza e pelo aroma delicioso que vinha da cozinha. Havia um pequeno sofá, uma mesinha sobre a qual estava a televisão e na parede acima um quadro do sagrado coração de Jesus. Na parede oposta um quadro com uma foto linda de Doralice de pé em um parque, bem pequenininha, dando as mãos para um pai e mãe igualmente sorridentes. Ao lado, outro quadro com uma foto dela na cadeira de rodas com seu sorriso assimétrico, os braços finos e rígidos sobre o colo e, entre os dedos de uma das mãos, um hibisco laranja que combinava com as fitas em seu cabelo preso em duas marias-chiquinhas.

Doralice havia contraído meningite aos dois anos, idade em que o cérebro estava ainda em desenvolvimento e houve uma lesão cerebral, por isso era atendida na instituição. Ela não falava mas emitia sons conhecidos pela mãe como sendo de agrado ou desagrado e, dependendo da intensidade, a mãe sabia exatamente o que a filha precisava. Se comunicavam assim, pelos sons, olhares e pelo sorriso doce e assimétrico por onde uma baba viscosa estava sempre a escorrer.

Na cozinha uma pequena mesa estava posta com uma toalha xadrez com copos, uma jarra de suco e o bolo cheiroso coberto com um paninho pintado. Tudo com muito capricho. Doralice estava na sala, sorridente como a mãe e das mãos pendiam várias flores de hibisco, uma para cada profissional.

Chegando ao pronto socorro se intensificou o som das ambulâncias e minha preocupação aumentou. Deixei o carro no estacionamento e caminhei a passos rápidos para a entrada. Dei o nome da paciente e explicaram que apenas uma pessoa poderia permanecer com a criança. A mãe estava com ela. Por ser profissional da saúde poderia entrar por quinze minutos. Procurei entre as várias pessoas assentadas nas muretas da entrada até encontrar José Antônio desolado, com as mãos segurando a cabeça, os cotovelos sobre os joelhos, olhando para o chão.

Com os olhos inchados de tanto chorar, o pai explicou o que sabia, o que tinha ouvido de um e outro passageiro do ônibus e de como sua filha, o seu bebê se encontrava em um estado muito ruim. Havia ficado com a filha enquanto a mulher era atendida para certificarem de que não havia nenhuma fratura e ser medicada. Estava chocado com o estado da filha com várias fraturas e o médico havia explicado a ele que a situação dela era bastante delicada.

Caminhei para a entrada do prédio e, depois de apresentar os documentos e crachá da instituição, apanhei o elevador para a enfermaria. O cheiro da dor, doença e sofrimento invadiu meus pulmões e, com meu corpo tremendo avistei Maria Odete assentada com a cabeça recostada na parede, os olhos fechados.

- Maria....

Ela abriu os olhos e se levantou em um salto, me abraçando enquanto suas lágrimas molhavam minha blusa. Seu rosto estava marcado pela dor e apreensão.

A abracei sem falar nada, tentando passar a ela o amor e aconchego que ela tanto precisava.

Na cama aquele corpo tão franzino, os cabelos pretos soltos e espalhados pelo travesseiro, um corte profundo em sua testa. Os olhos fechados, os braços com talas e as pequenas mãos com cortes e inchaço. Nas pernas talas também faziam a imobilização já que a severa rigidez muscular não possibilitava nenhum procedimento diferente.

Me assentei na cadeira e, atenta, acompanhava sua respiração, o peito subindo e descendo em um ritmo tranquilo que mostrava que estava isenta de dor. Passei com delicadeza a mão sobre seus cabelos, retirando uns fios que teimavam em escapar para próximo dos olhos e cantarolei bem pertinho a sua música preferida:

- "Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado.
Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo
É o alecrim..."

Um gemido foi ouvido e Doralice abriu os olhos fitando dentro de mim, encontrando minha alma. Com certa dificuldade sorriu, aquele sorriso assimétrico tão conhecido e, apertando os lábios de uma maneira que sabíamos exatamente o que significava, me mandou um beijo. Foi como uma brisa suave roçando todo meu ser de maneira terna como jamais senti.

O ROUBO

(Andressa Barroso)

Imagem: Divulgação

Estava na sacada da varanda apreciando a paisagem e cantarolando porque “quem canta, seus males espanta”.

Era uma tarde de sábado ensolarada quando tudo aconteceu perto da Rua do Mercado, na praça principal, da Cidadezinha onde eu moro. De repente foi um verdadeiro alvoroço. A notícia se espalhou rapidamente, mas ninguém sabia ao certo como desvendar aquele mistério... sabemos que “onde há fumaça, há fogo”!

Na Igreja, entre uma reza e outra, o povo se entreolhava e comentava bem baixinho em poucas palavras: como pode uma coisa dessas em plena luz do dia? Afinal, “para bom entendedor, um pingo é letra”.

No bar, os “bebuns” falavam bem alto: em plena luz do dia foi assalto, foi assalto, foi assalto! Mas espere aí, entenda o causo até o final: “Não julgue o livro pela capa”.

Na padaria da Dona Nequinha, entre cafés, pães, bisnagas e empadinhas, uma única conversa: em plena luz do dia, teve um assalto, com duas pessoas envolvidas nesse furdunço. Vamos ter que saber o que aconteceu. E bem rápido: “Não deixe para amanhã o que se pode fazer hoje”.

Até na Escola, as crianças já sabiam, uma foi contando pra outra como telefone sem fio: que em plena luz do dia, teve um assalto, com duas pessoas envolvidas nesse furdunço lá na praça e não era brincadeira nem pirraça. Sabe como é “Quem conta um conto, aumenta um ponto”.

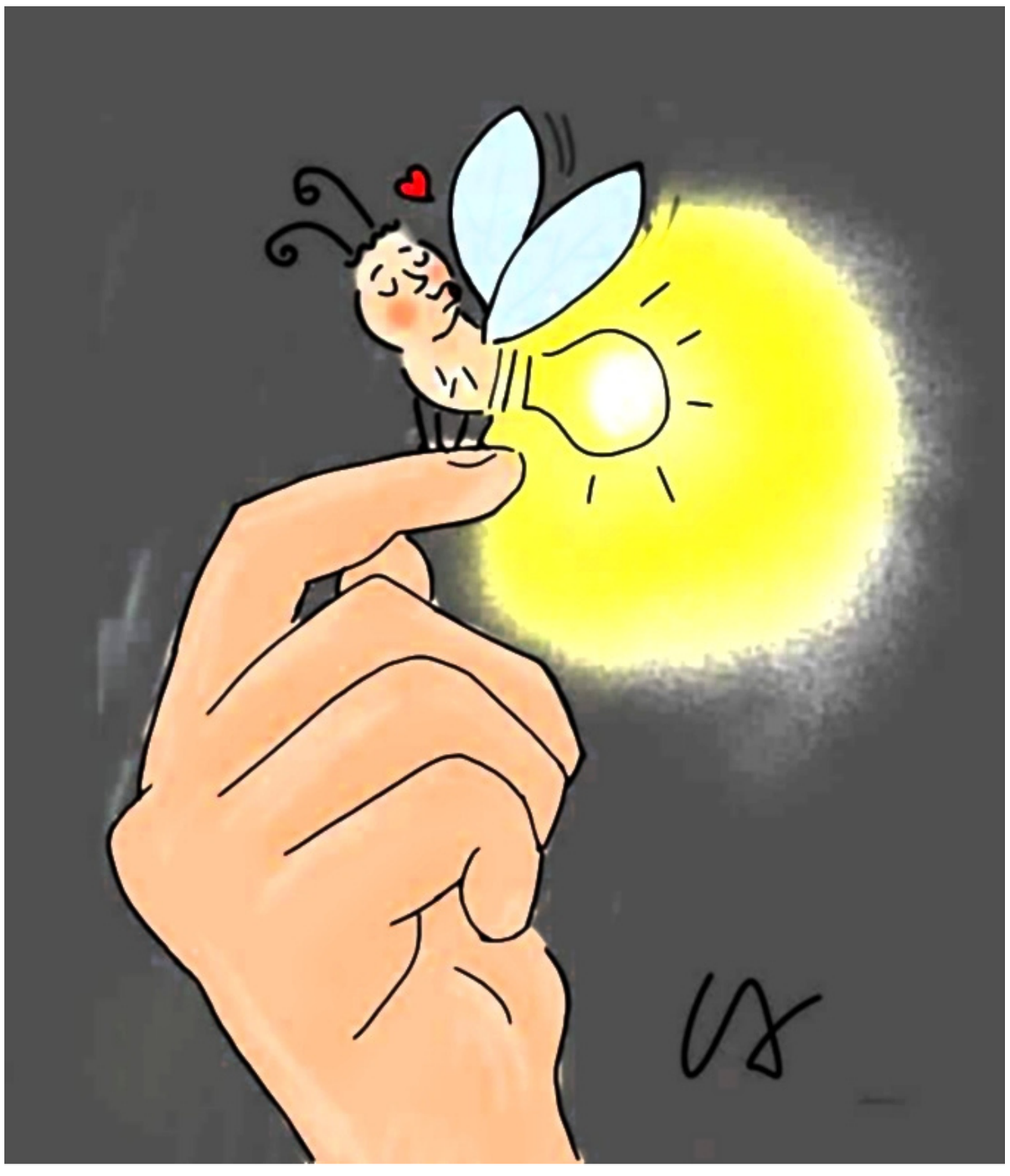
E pelo tamanho da confusão, afinal o que seria esse disse-me-disse? Fantasia ou realidade?

Todos falavam ao mesmo tempo e estavam cada vez mais curiosos.
O delegado colocou a mão na cintura e declarou: assunto encerrado! Tudo já foi resolvido.
Ficou um silêncio total!

Quando ele finalmente revelou: o que aconteceu foi um BEIJO, não era um beijinho qualquer, mas foi um beiiiiiiijo daqueles, foi um beijo roubado!
“Ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão”.

AQUELE BEIJO TÃO DIFERENTE MARCOU A MINHA VIDA

(Angela Quintieri)



Morei toda a minha infância em uma casa de vila. Essa vila tinha apenas 10 casas e era muito simpática.

Havia duas entradas para as casas do lado esquerdo e era ali justamente onde ficava a minha.

Uma dessas entradas era por um terreno razoavelmente bem cuidado onde funcionava uma Fábrica. O terreno era enorme, meu irmão, eu e meus amigos brincávamos ali, quase o dia todo, pois o terreno propiciava diversos tipos de brincadeira. Porém, à noite, a brincadeira era outra, era a minha preferida, por causa dos elegantíssimos besourinhos que sempre me faziam sonhar.

Naquela época ainda podíamos ver vaga-lumes, era um privilégio e uma alegria só. Às vezes eram muitos. Hoje eu sei que na língua indígena uma multidão de vaga-lumes significa Uaná-Etê.

Lindo, não é?

Nós nos sentávamos bem juntinhos e ficávamos hipnotizados olhando aquelas luzes piscantes como se fossem estrelas falantes. Pouco nos mexíamos ou falávamos para não perturbar aquela sua luz encantada.

Às vezes, achávamos que os vaga-lumes nos esperavam com a nobreza dos seus voos, com uma alegria iluminada e com o seu brilho inesgotável.

isso aconteceu durante muito tempo.

Mas num belo dia, um vaga-lume, não sei por qual motivo, foi parar na ponta do meu dedo. Ele inclinou a sua cabecinha no meu indicador da mão direita.

Eu nem me mexi de tão emocionada e agradecida que fiquei.

Os meus amigos que sabiam da minha paixão pelas estrelas e pelos vaga-lumes e sempre foram meus cúmplices, não se mexeram com medo que algum movimento quebrasse aquele instante mágico.

Um deles ficou tão deslumbrado que desejou compartilhar com os nossos pais. Ele se levantou bem devagarzinho e foi chamá-los a participarem do que estava me acontecendo, mas antes falou bem baixinho para eles:

_ Vão lá fora ver o que está acontecendo, mas não podem fazer nenhum barulhinho, porque um vaga-lume está pensando que o dedo da Ângela é uma flor. Ele está beijando ela. Foi lindo esse encontro.

Esses dias tão inocentes, ainda estão muito presentes na minha vida. Eu tinha seis anos quando recebi o meu primeiro beijo de amor. E do primeiro amor ninguém esquece. Foi o beijo de amor mais generoso, iluminado e diferente que já recebi. E recebi de um pequenino inseto. Eu recebi do besourinho mais lindo, emocionante e mágico que habita o nosso planeta.

Não foi lindo? Se alguém já recebeu um beijo assim... compartilhe comigo!

MOMENTO

(Celina Rozenblum Lefelman)

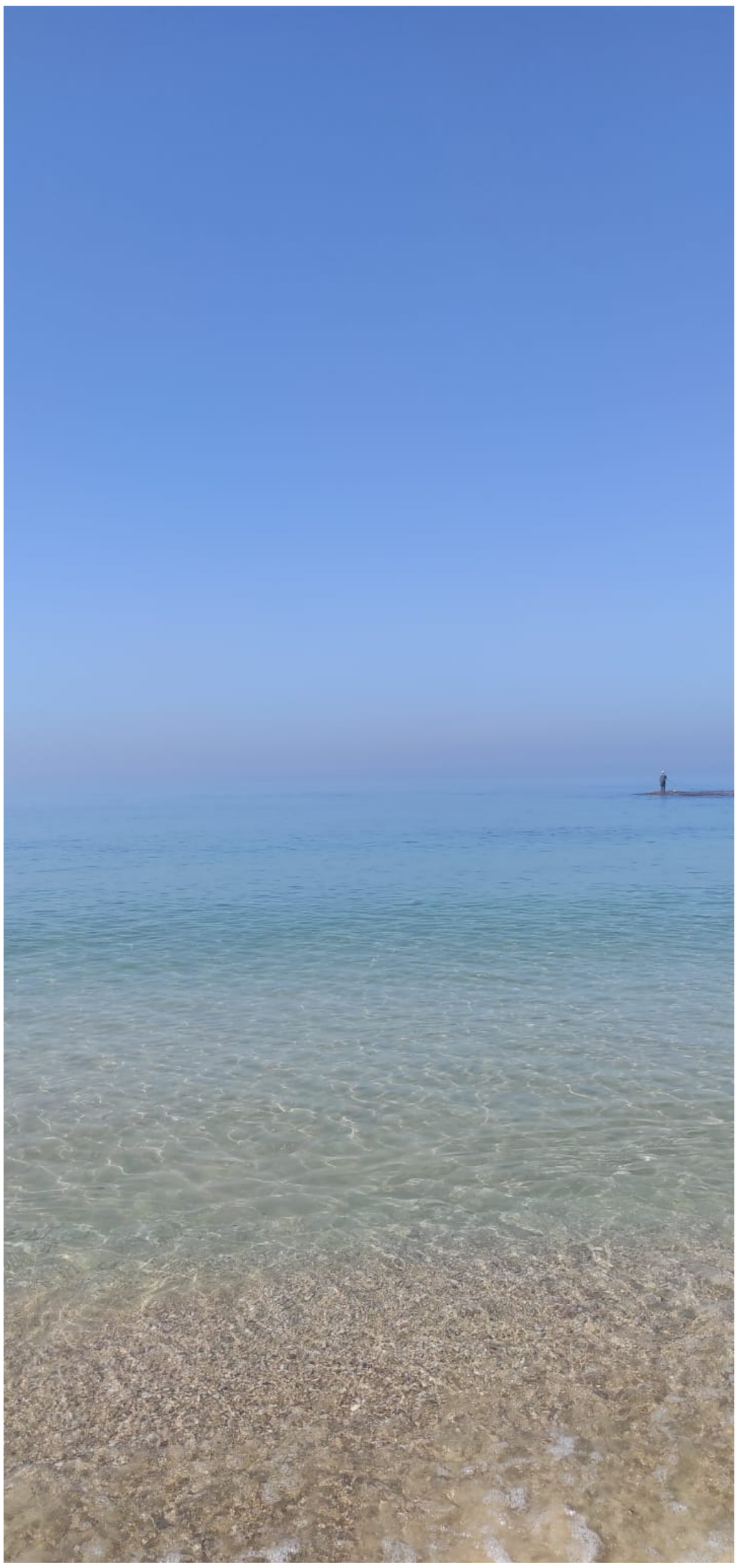


Foto: Celina Rozenblum Lefelman

De madrugada eu disse: Daqui a pouco vai ser hoje... Ele disse: Mais um pouco e esse momento será ontem . Então esse momento terá vida. Porque os momentos não são parte do tempo, mas parte da memória.

A SEREIA E O BEIJO

(Cristiano Mota Mendes)

Imagem: Divulgação

"Beija a minha mão, beija o meu corpo, teu aroma me enlouquece. Beija-me com frenesi." - trecho de uma composição de Ronaldo Mota

"Crepúsculo. O rosto dela iluminado pelas cores dos últimos raios. Rosa, laranja, ouro, gris. Sol rumo ao sono. E o mar defronte. O barulho das ondas tão perto que a água salgada respingava em seu rosto moreno. Como dizer de uma beleza impossível? E a lua ajudava, lamparina: os olhos dela do outro lado da ilha. O vento trazia o perfume dela. Eu só queria sentir, por isso fechei meus olhos. E o mar e o mar e o mar. Não sei quanto tempo durou. Ela veio de mansinho, sereia que sonhei. Veio de mansinho e me deu um beijo. Pura flor de um tempo que nunca existiu. Gota de água salgada em minha boca. E o mar e a lua.

BEIJO DE OUTONO

(Delma Marcelo)

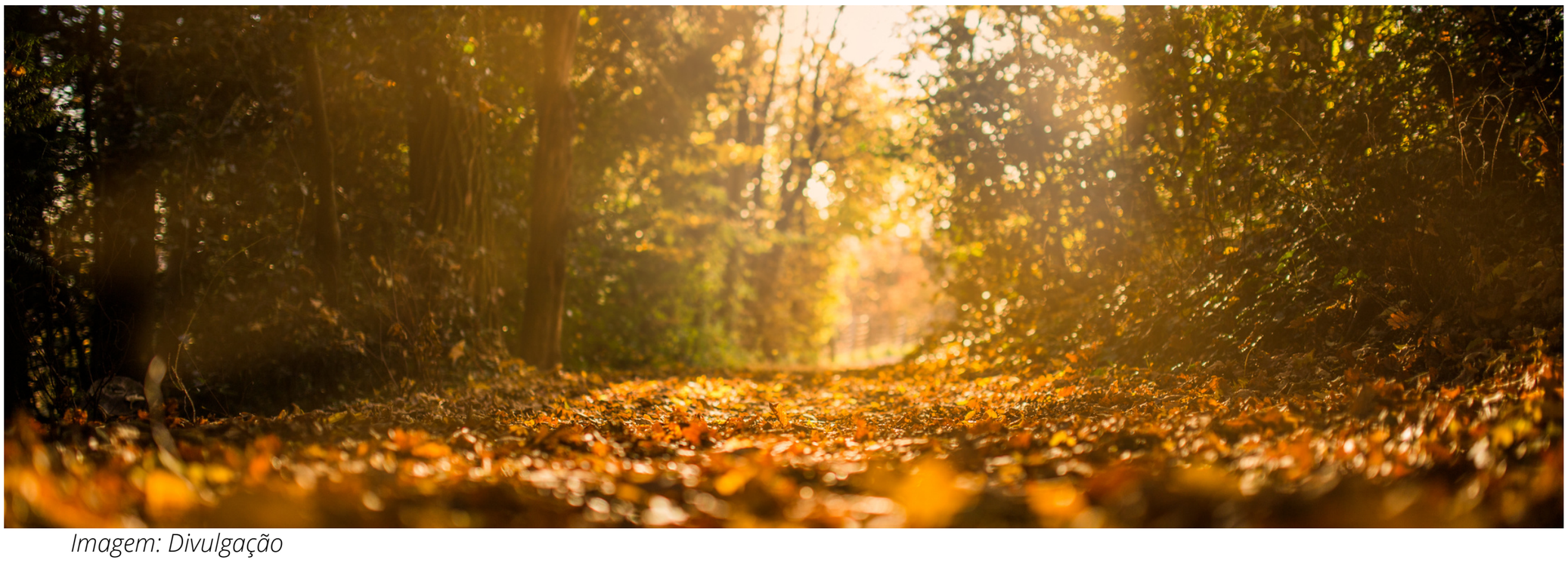


Imagem: Divulgação

"O amor é grande e cabe no breve espaço de beijar."
Carlos Drummond de Andrade

Desde que o mundo é mundo vivemos ciclos na vida! A natureza é cheia deles e a humanidade também!

Mesmo fazendo parte do mesmo mundo, o ser humano resolveu apartar-se da natureza e construir uma relação de dominação e de subserviência.

Na relação de desenvolvimento civilizatório o homem foi colocado, por ele mesmo, no topo da cadeia, mas na verdade é o mais incivilizado de todos, pois nenhum outro ser vivo é capaz de destruir o lugar onde vive para gerar lucro!

Nessas tantas voltas que a Terra dá ao redor do sol, tive o privilégio de presenciar mais um início de estação! É, o outono chegou! E com ele vieram a chuva e os ventos!
A chuva beijou o solo seco e triste! Este, num gesto de agradecimento exalou um perfume úmido, recebendo e sorvendo cada gota com paixão!

O vento penteou as folhas das árvores que há tempos estavam desgrenhadas pela secura do ar. Também acarinhou as penas dos pássaros que sentiram em sua pele o frescor da nova estação!

E tudo isso aconteceu de maneira consensual, sem abusos! Cada um deu ao outro o que tem de melhor tornando-se, por um momento, um só!
O beijo é sinal de que um ciclo de amor está para se iniciar! É relação de intimidade, de entrega e confiança.

Como a natureza nos ensina! Basta ter olhos para ver e sentir!
Que a humanidade nos permita que o outono nos presenteie com muitos beijos!

... E OS BEIJOS?

(Eliana Miranzi)

Imagem: Divulgação

O que é um beijo?

Um toque de carinho? Uma mostra do desejo? Um doar-se por inteiro, dizendo claro: “ Eu te amo?”

Beijo de amantes, amores maternos, amizades seladas, afeto expressivo....

Beijo doce, beijo forte, ou sensual... beijo entrega, no lugar do “eu te amo”...

A humanidade fez do beijo um sinal de amor, estima, carinho e muito mais que isso...

Busquei o beijo nas artes , escolhendo finalmente a Escultura como veículo usado por tantos artistas, para expressar esse gesto tão íntimo, tão antigo, tão lindo... e não resisti ao desejo de lembrar aqui de um pintor... único, incrível, genial.

Vejamos, aleatoriamente, alguns artistas e suas obras retratando o BEIJO.

Brancusi, ao esculpir seu BEIJO, na pedra e geometricamente encaixado, nos passa sensações variadas... seu beijo é doce, mas também retido em um espaço por ele delineado. É belo, mas a mim traz uma certa rigidez de formas e sentimentos.

Rodin faz um beijo em mármore branco, bastante polido, e com formas sinuosas e leves. A entrega do casal, a intimidade da cena, os corpos se encontrando, tudo fala de amor... amor carnal. Irresistível contato de corpos.

Antonio Canova, no período neoclássico, nos presenteia com Psiquê e Eros, numa cena congelada no mármore, porém com uma fluidez e leveza eternas... Eros revive Psiquê com seu beijo. O amor faz dessas coisas...

Já na pintura, marca-me o coração a intensidade das cores, brilhos e formas do Beijo de Gustav Klimt.

Com seu estilo único, facilmente reconhecível, Klimt nos presenteou com um beijo único, vivo, apaixonado, um beijo em formas e composição de uma inusitada e incrível expressão.
As figuras na cena são compostas como num vitral feito de caquinhos de ouro, seguindo uma amorosa geometria que registra a obra desse homem enigmático, de um talento excepcional e único. Gênio incomparável. O beijo é intenso, traz sensação de busca, de necessidade do afeto.

E nossos beijos? Como cada um de nós poderíamos retratar ou descreve-los?
Beijo de mãe, amor de adolescentes, despedida entre amigos, afago a um idoso, um beijo a voar pelos ares, à distância..... qual seria o seu marcante e inesquecível beijo?
Eis a pequena e despretensiosa proposta: escolha seu Beijo! Ah!
E agora : meu BISOUX À TOI!!!!

AS MARITACAS TAMBÉM BEIJAM

Elisa Pereira

Imagem: Divulgação

Era uma vez um lugar distante e lindo, cheio de matas exuberantes, animais silvestres e pouca gente que gosta de estar imersa nesta natureza curadora e generosa.
Todos os dias bem cedo chegava um bando enorme de maritacas: coloridas, barulhentas, faladeiras, lindas, famintas e namoradeiras.

Cantavam, gritavam e se fartavam de todas as frutas do pomar e ainda de alguma fiação. Sim, fios elétricos!! Descascam, arrebentam, inutilizam a instalação elétrica e até fazem seus ninhos no forro dos telhados para, na segurança deste abrigo procriar seus lindos filhotes, também barulhentos e soberbos.

Ao final da tarde partiam em revoada. Davam várias voltas chamando as que faltavam e o céu ficava em festa. Lindo, lindo... Quando todas estavam prontas, partiam, não sei pra onde, mas sei que iriam voltar no dia seguinte, bem cedo.

Tudo isto, para dizer que flagrei um lindo beijo na boca de um casal de maritacas. Já contei que são namoradeiras, mas um beijo lindo, amoroso e sensual? Realmente me surpreendeu!

CASA DE MENINAS

Evelyn Kligerman

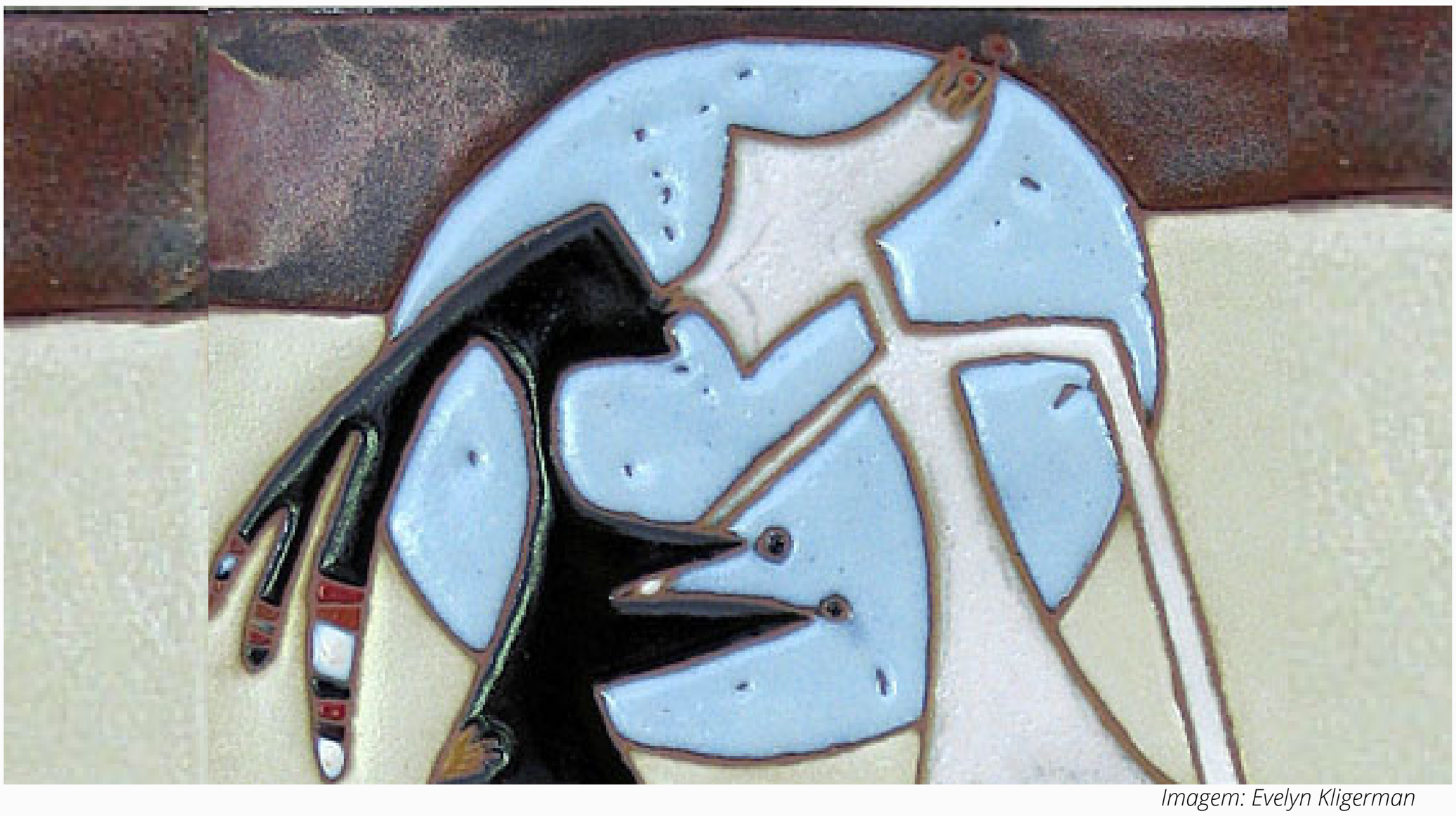


Imagem: Evelyn Kligerman

??????????????????

Era noite quando Laura me ligou. Queria me encontrar.

Havíamos terminado nosso turno na “Casa de Meninas”, nos despedimos como sempre, com cansaço, carinho, cumplicidade, e um quê de vergonha.

E também alívio, foi um dia sem sustos, nenhum transtorno.

Me surpreendi com o convite.

Ali estávamos na pizzaria, Laura e eu.

Ouço:

“Ele quis me beijar, fiquei aterrorizada! não deixei. Ele tocar e inundar meus lábios com os seus, seria abrir um portal de emoções, seria SENTIR. Medo é o nome.
Ele delicadamente sussurrou no meu ouvido...vou voltar!!”

Pergunto:

- E você vai deixar?

“Talvez.”

O BEIJO

(Fernando Queiroz)

Imagem: Divulgação

Frederico se encontrava na entrada do Clube da Cidade, quando o futuro resolveu se antecipar à sua já natural empolgação. O baile de carnaval prometia, e como prometia! Numa troca de olhares nas filas da revista masculina e feminina, sorrisos recíprocos se encontram. Eis que, de repente, um sussurro ameaçador por cima do seu ombro direito sentencia: “a mina tem dono!”

As rádios da cidade anunciavam aquele como o baile do ano. Fred, como era chamado pelos mais íntimos, passara o sábado ansioso pela festa, aguardada há várias semanas – assim como seus amigos, que mantinham a mesma empolgação, enquanto as respectivas fantasias iam sendo preparadas para a curtição, prenúncio de alegria. Combinaram de se encontrar dentro do clube, porque chegariam em horários distintos.

Passarela repleta de foliões a caminho do salão, de onde já era possível ouvir a *“Marcha do Remador”*, e a cantoria a plenos pulmões: sim, estamos chegando lá!... Antes, Fred resolveu visitar o bar; precisava de água, o calor não dava trégua.

Confetes e serpentinas coloriam o ambiente e davam as boas-vindas aos pândegos, que desfilavam com as mãos umas nos ombros dos outros. Eram os famosos trenzinhos e circulavam pelo salão em sentidos opostos, quando outra vez os olhares cúmplices se cruzaram. Na aproximação seguinte, com a espontaneidade e arroubo típicos da juventude, apresentou-se: “Meu nome é Frederico.” “Olá, me chamo Nereida.” “Acompanhada?” A pergunta era uma sondagem do terreno na qual estava pisando, já que a frase “a mina tem dono” ainda ecoava em seus tímpanos, como a alertá-lo de que quem a proferira agia como um predador à espreita da sua presa, e que não aceitava perdê-la.

A noite invadia as horas conforme a euforia tomava conta dos foliões. Um lindo sorriso estampava o rosto da menina. Fred acompanhava os movimentos dela, que mesmo num baile de carnaval desfilava pelo salão com a leveza e graça de quem passeasse no parque, numa manhã de domingo. Os lábios rosados da Nereida o atraíam como uma flor, que mal ocultava o seu abundante néctar, pelos quais Fred já estava completamente atraído. O tão esperado momento chegou, e enfim as línguas se encontraram e todos os sentidos foram dominados. A frequência cardíaca disparou: desejo, excitação, afeto... Ocitocina, dopamina, serotonina, tudo misturado!... *"Ó abre alas que eu quero passar"*...

O dia já se pronunciava e, como tradição, terminando o baile, vários foliões mergulharam, mesmo vestidos, na piscina do clube. Uma bagunça generalizada. Fred não tinha a intenção de participar daquela aventura; estava próximo à borda, acompanhado da Nereida, segurando alguns pertences dos amigos. De repente, ele recebeu um violento empurrão, e tchibum!, foi arremessado à água sem quaisquer chances de se proteger ou aos objetos de que tomava conta. Quando voltou à superfície, ainda conseguiu relancear o olhar e se deparar com aquele rosto amargo, carregado de ira e despeito, de quem julgava ser proprietário de alguém.

Fred saiu da piscina, mal refeito do susto, enquanto o rixento, autor da estupidez, sumia de sua vista. Que bom, assim não houve confusão! A "mina" contou que o selvagem havia sido um ficante, sem maiores emoções, que não aceitara o fim daquilo que mal começou.

Roupas e documentos encharcados, mas sorriso fixo no rosto, com a marcha tocando ao fundo do salão: *"Allah-lá-ô, ô ô ô ô ô ô, mas que calor, ô ô ô ô ô ô"*..., Fred refletia sobre o beijo cujo gosto ainda sentia na boca. Estou aqui que nem um pinto molhado, mas valeu a pena. Quem sabe não começasse a partir dali um arrebatador romance? Seria capaz de jurar que aquele mágico primeiro beijo na ninfa dos seus sonhos chegara a elevá-lo aos céus. E que beijo!

Como que para responder aos desejos de Fred, ou fazer coro a eles, começa a tocar no salão *"Na Base do Beijo"*, a música de Ivete Sangalo. Olhando para Nereida, ele repete cantando – ou melhor, literalmente revelando suas verdadeiras intenções (de que outra maneira poderia ser mais direto?):

Comigo é na base do beijo
Comigo é na base do amor
Comigo não tem disse me disse
Não tem chove não molha desse jeito que sou

Quando amo é pra valer
Quando amo é pra valer
Dou carinho, me entrego
Faço o amor acontecer

BEIJO

(Flora Troper))

Imagem: Divulgação

Andei em busca de mim.

Andei tentando me entender.

Me procurei em tantos lugares, em tantos eus, tus e nós e sempre me escapava. Por onde? Para onde?

Os apaixonados me buscavam com ânsia, mas muitas vezes, com o tempo, tudo se esvaía, eu escapava, triste e só.

Os amigos me viam em um cumprimento, às vezes sincero, às vezes nem tanto. E eu, na minha busca, querendo um sentido, uma razão...

E então encontrei na relação avó/neto. Se gostavam muito, ela desde antes dele nascer. Ele sentiu isso e a reciprocidade sempre foi linda! E aí, eu me sentia com sentido.

Ela lhe explicou que beijo de vó cura tudo! Ficou combinado que quando ele se machucasse, se caísse, era só vir correndo para a avó que um beijo seu curava qualquer dor.

E então ela perguntava: passou? E ele respondia: passou!

Foi então que vi sentido em mim, em ser essa cura, que nenhum outro remédio era capaz de proporcionar!

Dizem que ele carregou e carrega isso sempre com ele. Em qualquer momento, em qualquer mágoa ou dor, é só pensar no beijo da avó e tudo passa!

Então eu vi qual o meu verdadeiro sentido: curar, mais do que qualquer outra sensação!

SEM PRAZO DE VALIDADE

(Janir Lage da Silva)

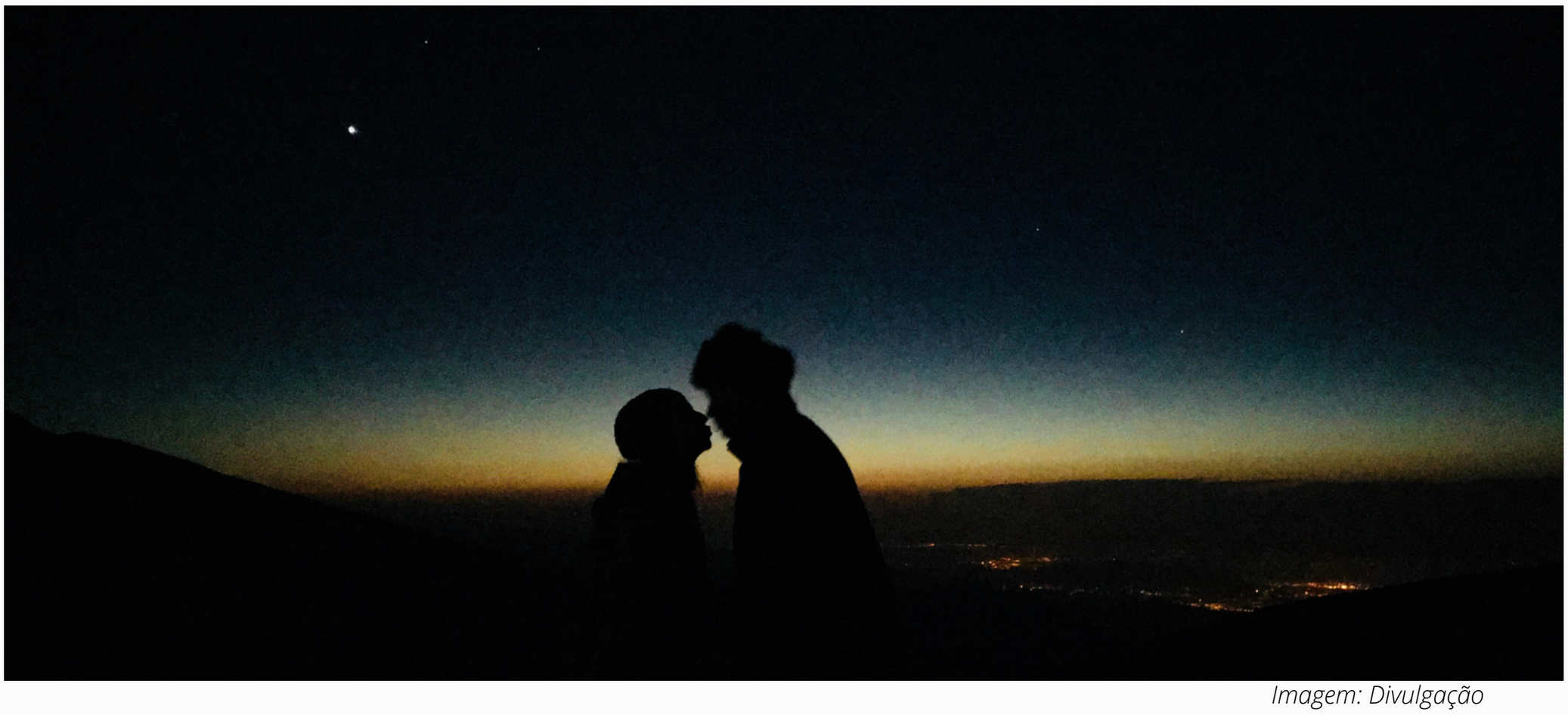


Imagem: Divulgação

O que é que esses tempos tão estranhos estão trazendo para cada um?

Para Ana, as notícias na televisão, que hipinotizada não consegue deixar de ver causam reviravoltas na sua alma. A frase: “Como é possível isso?” passou a fazer parte do seu dia a dia, sendo repetida como um mau mantra.

Mas, ela acha que ainda não é hora de enlouquecer e resolve criar estratégias de sobrevivência.

Para isso, ela que nunca foi organizada tratou de ser organizar e escolher a hora certa para a elaboração do seu plano. Seria quando acordasse, antes de sair da cama para entrar no campo de batalha da vida, que parecia perder cada vez mais território para inimigos que se modificam com a rapidez de um boato falso.

Iria buscar na memória, boas lembranças da sua vida para se fortalecer, para ter certeza de que apesar de tudo vale a pena viver.

Muitas chegaram. Mas naquela manhã a lembrança que chegou foi especial porque colocou um sorriso no seu rosto. Fazia tanto tempo!

Era do tempo das descobertas do primeiro amor quando se ficava vermelha de vergonha, quando se ria de tudo até a barriga ficar doendo, quando o coração vivia saindo pela boca, quando se pensava que a juventude é eterna e que mãe podia ser enganada. Quando se ganhava do namorado o beijo na mão na hora da despedida.

Para nessa última lembrança. A imagem é irretocável. Esse foi o beijo da sua vida. Ganhou um longo beijo na mão que estava entrelaçada na dele. Depois, em câmera lenta elas vão se soltando, voltando calmamente para seus corpos plenamente satisfeitos.

É hora de levantar.

É hora de saber o que está acontecendo no mundo. Pega o controle e liga a televisão. Mas diferente das outras vezes não faz isso mecanicamente.

Olha a sua mão e consegue ver nela uma suave umidade.

É o seu beijo!

Coincidentemente o repórter está dizendo: BOM DIA.

LADRÃO DE BICICLETA

(Jidduks)

Imagem: Divulgação

Ele se despede de uma amiga, numa esquina; com dois beijos no rosto! Manda recomendações à sua família e segue em direção ao poste e repara que sua bicicleta foi roubada!

A cidade segue sua rotina, os transeuntes entram e saem dos bancos, os barulhos do cotidiano; não há vestígio do ladrão, mas naquele instante a cidade inteira é suspeita. Encara pessoas nos olhos, inclusive crianças acompanhadas de cachorros. Seria um daqueles cães, amigo fiel do ladrão?

Considera todas as possibilidades. Faz simulações mentais e conclui desolado: “Um ladrão de bicicleta achou justamente a minha. Um beijo na mãe do desgraçado”!

Liga para casa e fala tristemente à esposa, “amor, roubaram minha bicicleta”.

Numa cidade como esta, um trabalhador sem sua bicicleta é um nada, um zé-ninguém, uma pessoa fadada ao fracasso; uma espécie de pária, um cão sem dono, um João sem braço.

Com este pensamento ele desaparece na neblina. Solitário e perdido em seus pensamentos, mergulhado na dificuldade e com o cotidiano lhe convidando para mais um dia de indignação.

O DIA DO ÓSCULO

(Kátia Rodrigues)

Imagem: Divulgação

Pode parecer meio esdrúxulo, mas o ósculo existe. Você pratica à beça e gosta. Com certeza! Eu acho! Quem não gosta de receber um ósculo? Ah, amooooo! Melhor começar a história senão entregarei o enredo antes de começá-la!

Coitada da professora de Língua Portuguesa que um dia teve de explicar a semântica de uma palavra como aquela e se embananar de verdade...

Então, ocorreu a aula fatídica:

Era uma manhã tão agradável, sem ocorrências...sabem o quão é complicado lidar com uma classe de pequenos, ávidos por respostas. Já dizem que “são as perguntas que movem o mundo”. A nossa aula era sobre...nem me lembro mais, sei que não tinha nada a ver com o tema, mas o professor não deve deixar seu docente com dúvidas.

De lá do meio da sala, Gabriel (toda turma tem um Gabriel) me manda esta:

- Fessora, no outro dia, perguntei pra minha mãe o que é ósculo. Ela não me respondeu.

Deu aquele rebuliço na classe, ouviam-se risadinhas. Acho que pensaram que era uma palavra proibida.

- Gabriel, não pode falar palavrão não! Né, professora? – disse Andressa.

- A professora vai te levar pra coordenação, comentou David.

A desordem estava instaurada e eu pensava com meus botões: o que vou fazer agora?

Não posso voltar à aula sem comentar ou tirar a dúvida do menino. Como voltar para casa com o ósculo atravessado em sua mente?

Cheguei a pensar que ele pretendeu me testar.

Disparei:

-Vocês osculam sempre!

Foi pior. Eu me vi na Escolinha do professor Raimundo.

- Professora, a senhora está falando besteiras.

E os risinhos eram ouvidos de longe...para que eles se restabelecessem do susto, do impacto, comecei a explicação:

- Oscular é um termo que quase ninguém usa mais.

Apesar de ter indagado antes, eles não tinham noção nenhuma do que poderia ser aquela palavra obscura, estranha. Mais parecia uma palavra proibida, um palavrão daqueles bem cabeludos que não se pode atrever a balbuciar sequer chegar ao pensamento.

- E vocês fazem sempre, ou seja, com frequência.

- Correr?

- Comer?

- Viajar?

Começaram a cogitar as ações mais improváveis. Porém, não chegaram a beijar, ao beijo. Então, falei para acabar com a curiosidade dos pequenos:

- Ósculo, galera, é beijo! Oscular é beijar!

A princípio, ficou um silêncio aterrorizante.

- Nossa, professora! É muito diferente! Como pode?

- Muito mais fácil do que eu pensava, disparou Evellyn.

- As palavras são como nós: nascem, têm origem, envelhecem também. Acabam muitas vezes desaparecendo, quando não são usadas.

- Então, morrem também?

- Bem assim, Amanda!

Foi a forma mais simples de falar sobre: etimologia, arcaico, diacronia. Aí, mesmo que eles não iam compreender bulhufas se eu empregasse estas palavras.

Mas a aula rendeu, porque quiseram falar sobre beijo, começaram a dizer que fulano já havia beijado ciclano. Foi um alvoroço total! O restante da nossa aula foi conversar sobre beijo, sobre o tal do ósculo. Até que falar de beijo não foi tão difícil. Descobri que eles são bem beijoqueiros.

Acordamos que, daquele dia em diante, traremos sempre uma palavra diferente para estudarmos.

A MENINA

(Marianí Guimarães)

Imagem: Divulgação

O vento sopra forte em seu rosto de menina, seus cabelos esvoaçam beijando sua face. Ela galopa em seu cavalo até a beira do rio.

Seus olhos perspicazes buscam minúcias desse lugar já conhecido.

Seus dias são assim cheios de intensidade e vivacidade.

Ela desfila pelas plantações e colheitas dessa terra amada.

Sabe que um dia tudo isso irá mudar, que todas as sensações e beleza do seu pequeno mundo ficarão apenas em sua memória e que seus beijos já não serão mais do vento.

EM CARNE VIVA

(Paula Gomes de Oliveira)

Imagem: Divulgação

Ela sabia muito pouco ou quase nada do que via. Reconhecia apenas os momentos fugidios que durariam a vida inteira dentro de si, apenas se importava em pensar em entrar e sair daquele beco pequeno e malcheiroso, pois sabia que não despertaria jamais o que a faria tomar o caminho de volta. Voltar para onde? Volta de quem? O beco, o recanto sombrio a acolhia e a retirava da cena das possibilidades de uma vida passada, pálida e adormecida de tanto pânico.

A comida era a mesma, restos de achados em containers, enquanto a barriga crescia com o futuro indefinido, que já nasceria velho, antigo, passado, carregado do seu cansaço e da sua dor. Até que veio uma lembrança, tá certo, tá certo, que foi uma lembrança, como um susto, uma imagem fugidia que persistia sem ruir, um acaso assim, um vácuo repleto causando uma vontade dentro de si.

Naquele dia não sabia explicar o porquê, mas procurou por ele. Juntou toda a coragem esparsa, concentrou seus dedos no teclado e enviou um zap. Ter despistado a atenção daquele início de euforia pouco adiantou, pois agora só sentia o peito inflando e sem mexer um só músculo esperava que o sinalizador abaixo da mensagem ficar azul. Custou tanto esperar, até que se sentiu tola, quase arrependida, jogada ao léu. Sempre foi assim, ela sentia tudo demais. Gostava sempre dessa pergunta: por que coisas ruins me acontecem? Não conseguia resposta. Mas nunca desistia dessa pergunta.

E para todas as outras perguntas, ela tinha respostas totais. Ou seriam fatais? Não, tinha sempre outras perguntas, esse foi seu mal. Naqueles poucos minutos de espera sem fim, só

teve tempo de lembrar do nada. Poeira e fuligem agora pareciam nem doer. A espera corroía e a torneira pingava nessa cadência. Sal que ardia a ferida que se escondia. Pensava que se pelo menos ele respondesse, mesmo com palavras alcoolizadas teria uma chance de abrir a porta para ele entrar ou pelo menos vê-lo pela janela, que não existia. Não esperou mais um segundo, pois estava exausta, mas jogou o celular longe. Raiva e medo.

Depois vinha sempre à memória, o dia em que saiu apenas para passar um dia. Queria caminhar em cima de si mesma, passar por todas as suas peles, carnes e ossos, mas não foi o que fez. Saiu para caminhar, primeiro por um dia. Dormiu escondida no brinquedão do parque infantil. Mas logo percebeu que perder um filho é ter pela frente um caminho sem fim. Não importa para onde se olhe. Fazia um percurso repetido. Todos os dias ia ao caixa eletrônico, pegava dinheiro, comprava comida, sentava-se no parque, comia, dormia. Até que o pouco dinheiro acabou. Quebrou o cartão em partes pequenas, como quem faz um mosaico de lajotas. Brincou com os pedacinhos, para juntar os cacos de si. Chorava cada vez menos, até secar totalmente.

Fazia tudo em câmera lenta, pois vida de uma mulher que mora na rua não merece pressa. Vagarosamente, começou a se espreitar próxima aos containers dos prédios. Se em dia encontrou um saco de biscoitos cheetos meio preservado, no outro limpou uma maçã apodrecida na blusa suja. Os restos de comida iam se misturando com os restos de sua vida. Tudo eram vísceras expostas e pulsantes de um sangue escuro de menstruação que envelheceu no útero antes de sair. Seu filho era tão preto, tão lindo, tão limpo, tão puro e foi morto. Passava por aqueles PMs e os olhava querendo saber qual deles. Não podia olhar muito, senão eles vinham pra cima lhe dizendo coisas, que ela nem mais ouvia. E foi nesse tempo que ela parou de ouvir o mundo, só ouvia as vozes de suas amigas elogiando a barriga. Ouvia o choro estridente de seu bebê, o riso de seu menino e os sons de passarinhos misturados aos tiros no beco, que tinha um tênis amarrado pelo cadarço na fiação dos postes.

Cada dia sua casa era o mundo que cheirava a pólvora da guerra no morro. O pavor de ouvir sua própria voz foi deixando-a muda e por lembrar das rodas de samba de raiz, andava arqueando o quadril como se rebolasse, um pra lá, outro pra cá. Descobria que a dor não tem limites e confunde a mente muito mais do que a cachaça que aceitava. Se pelo menos essas vozes e os choros deixassem de ecoar na sua cabeça, talvez lembrasse de algum nome. Mas transar não ia, e apareciam pernas e socos fortes para tirá-la dali. É doida demais, é cachorra louca. Deixa ela. Arrumamos outra. Voltava aterrorizada para o brinquedão e dormia, quase morta.

Até que um dia, acordou, um pouco nas nuvens, o que já era um presságio. Sentiu uma umidade desconhecida. Pensou em qual parte do corpo valeria a pena mexer primeiro. Não teve resposta, como sempre. Mudou o pensamento. Abriu os olhos porque exigia quase nenhum esforço e se deparou com dois olhos pretos e a segunda lambida úmida de um cachorro.

FRANCISCA

(Roseana Murray)

Imagem: Divulgação

No bairro em que morava havia um café na esquina.

Quando voltava para casa, via uma senhora bebendo sozinha, triste, com os olhos pousados no fim do dia.

Na crueldade dos meus quarenta anos, ainda jovem, eu a achava tão feia, velha, gorda, tão só.

Em casa me esperava um casamento em seu estertor, eu sabia da nossa separação iminente. Quando um beijo tem gosto de papel e as críticas cortam a gente aos pedacinhos, já é hora de partir.

Na verdade a sua partida era iminente, a casa era minha, presente dos pais, quando nos casamos.

Ele buscava um lugar. Logo arrumaria a mala.

Dentro da minha infelicidade, muitas vezes pensava na senhora da esquina.

Uma das minhas manias era inventar existências. Era assim no trabalho, no ônibus, no metrô.

Tem gente que gosta de jogar, outros passam o tempo dentro das redes sociais. Pois eu gosto de inventar existências para quem vejo e de quem nada sei. Me prometo que quando me aposentar irei escrever.

E mais que nunca precisava inventar um nome para a senhora do crepúsculo.

Eu a chamei de Francisca.

A partir do nome, tive a ideia de entrar no Café para observá-la.

Lembro bem. Era a terceira vez que me sentava na sua frente com minha xícara de café.

A minha casa já era só minha e sem a obrigação de voltar correndo do trabalho, gostava dessa hora onde o rosto dela, pouco distante da minha mesa ia pouco a pouco se tornando muito familiar. Francisca.

Eu a olhava: havia sido bela um dia? Havia tido filhos? Havia dançado, sorrido pra lua? Por que bebia sozinha?

Então algo não previsto esgarçou meu devaneio.
Entrou um senhor no café. Bem arrumado como para uma festa. Foi direto para a mesa da minha Francisca.

Ela começou a chorar.

Ele se mudou para o seu lado e ouvi quando disse:

- Voltei.

E a beijou na boca.

Foi um beijo longo. Longuíssimo.

Ficha Técnica

O BEIJO
Antologia de contos e crônicas
Clube de leitura da Casa Amarela

IMAGENS
Evelyn Kligerman
Celina Rozenblum Lefelmam
Caó Cruz Alves
Sites Especializados

APRESENTAÇÃO
Roseana Murray

PROJETO GRÁFICO
Jiddu Saldanha

CLIQUE AQUI

ISBN nº 978-65-996303-4-7

Residência no ar edições digitais - 2022